



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12063 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

ENCONTROS, ANDANÇAS E BRINCANÇAS COM AS CRIANÇAS PELO ESPAÇO DA CIDADE E ALGUMAS REFLEXÕES

Joice C Coutinho - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Lea Tiriba - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos Santos - PREFEITURA MUNICIPAL

Agência e/ou Instituição Financiadora: ---

ENCONTROS, ANDANÇAS E BRINCANÇAS COM AS CRIANÇAS PELO ESPAÇO DA CIDADE E ALGUMAS REFLEXÕES

O texto traz um recorte de uma pesquisa de Mestrado em andamento que objetiva investigar as relações das crianças com/nos espaços ao ar livre da cidade de Rio Bonito (RJ). A angústia vivenciada na trajetória docente, de ver as crianças emparedadas, os corpos dóceis sentados horas seguidas priorizando o pensamento racional, faz emergir a pergunta: “O que as crianças, quando estão nos espaços *desemparedados* da vida, podem nos ensinar e às escolas?”. A pesquisa tem inspiração na teoria apresentada no livro *Ética* de Spinoza (2020), nos conceitos de *desemparedamento* de Tiriba (2018), *Vivência (perejivanie)* de Vigotski (Lopes, 2021) em diálogo com *leitura de mundo* em Freire (1995) dentre outros estudos. O percurso do estudo se dá pela observação de vivências colhidas nas andanças com as crianças em seus territórios: as ruas, as praças, as brincadeiras e no diálogo. Participam dos encontros as crianças que têm entre 2 e 14 anos, inclusive as que seriam consideradas adolescentes pelo ECA (Lei nº 8.069/1990). Nesses percursos, quando ocorre um *bom encontro* - para Spinoza (2020), este acontece quando o objeto, o ser, ou vivência, aumenta nossa potência de vida, ou seja, nos traz alegria - este se constitui em mais um “dado” de pesquisa. A partir dos encontros analisados- para este resumo expandido elegemos um - verificou-se que há muitos saberes nos brincarés livres, nas culturas das infâncias que ultrapassam os muros da escola, e estes saberes podem e devem ser acessados pelos docentes e demais profissionais do campo da educação das infâncias.

A pesquisadora registra que entre os bairros da Bela Vista e do Rio do Ouro aconteceu um *bom encontro* com uma criança que estava soltando pipa, às vezes sozinha, outras vezes com um ou alguns rapazes. Para Spinoza (2020, p. 99) “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída [...]”. Em cada um destes encontros a pesquisadora foi afetada alegremente pelo que viu. Assim, tomou coragem, e, após observar por um tempo, se aproximou e iniciou uma conversa. Descobriu que a senhora que ficava “de olho” pelo muro é a avó, conversaram um pouco e assim conheceu o “menino da pipa” e sua avó. Falou com o menino que gostava de vê-lo soltando pipa, ele sorriu e olhou para a pipa, parecendo estar um pouco tímido, e tentando desenrolar a linha que estava embaraçada. Aqui, identificamos uma vivência - a criança, o espaço e as relações constroem a subjetividade do ser; sendo assim ele é o menino e o vento, o menino e o céu, o menino e a pipa, o menino e o que os mais velhos ensinaram, o menino que solta pipa e desembaraça a linha. Ele conta que adora soltar pipa e fica combinado dele ensinar a pesquisadora. Afinal, “soltar pipa” exige muitas habilidades, tais como, observar a posição da pipa, conhecer a direção das correntes de vento, conhecer o ângulo mais apropriado para que possa subir mais alto, ter noção de altitude e de espaço para saber até onde a pipa pode subir, ou mesmo que não pode enroscar nos fios de luz. Sem dúvida, são muitos saberes a serem compartilhados para que nos tornemos assim como “o menino da pipa”, exímias soltadoras de pipa. O *bom encontro* faz lembrar as angústias da pesquisadora, que novamente se questiona: “Os saberes que as crianças necessitam para viver uma boa vida somente podem ser transmitidos dentro de quatro paredes, a partir de escritos e grafias em uma lousa? Como aprenderam os grandes cientistas sobre as noções de física, de matemática, de geografia? Não foi convivendo e observando a natureza?”. É tempo de *desemparedar*, de romper com os muros, de devolver o verde para as escolas da infância e devolver às crianças o direito de brincar com a natureza. Dos *bons encontros* com o “menino da pipa”, nos aproximamos das reflexões de Freire, onde, “estar no mundo implica necessariamente estar com o mundo e com os outros” (Freire, 1995, p.20.). Passamos a considerar, de forma ainda mais profunda, que é pelo brincar que as crianças constroem suas vivências espaciais, criam e transformam o mundo, perseveram em seu ser. Brincar é potência! Para Spinoza (2020), o *Conatus* é a *força vital* ou *esforço* pelo qual cada indivíduo busca preservar a própria existência. Somos natureza, como aprendemos com Spinoza (2020) desse modo, brincar com a natureza da qual somos parte, nos conecta com nosso ser. Por isso brincar com a água, a terra, as plantas, o vento, os animais, os insetos, as pedras, observar e sentir as flores, o céu, o sol e a chuva, se constituem em vivências que, para além dos saberes exigidos pela academia - os quais não duvidamos da importância que tem para a vida em sociedade - nos tranquilizam e desenvolvem nossa curiosidade, imaginação e capacidade de concentração, nos aproxima da nossa natureza e fortalecem a *biofilia*. Para Profice (2016, p.21), “[...] biofilia se refere ao apego que temos ao mundo natural e seus seres.” Seguindo nesta direção, compreendemos que as vivências das crianças com a natureza fortalecem seu vínculo com o mundo natural, contribuem para o conhecimento local acerca dos ambientes, seres e processos naturais (Tiriba e Profice, 2019).

Conforme vimos anteriormente em Spinoza (2020), o *Conatus* se fortalece quando acontece um *bom encontro*. As crianças, quando estão nos espaços desemparedados vivenciam *bons encontros* e têm suas potências de agir aumentadas. Por fim, ao analisar este recorte da pesquisa, se descortinam alguns saberes que são primordiais para um novo modo de conceber a docência. É necessário observar que, o desejo das crianças de extrapolar os muros e reinventarem a organização da sociedade que dociliza os corpos (Foucault, 1987) e assim, diminuem a potência de agir, aparece no brincar. Na brincadeira, lemos o mundo e o transformamos, afetamos e somos afetados (Spinoza, 2020), nos conectamos com a natureza de que somos parte, construímos *experiências afetivas com a natureza* (Santos, 2018), buscamos a liberdade e o *desemparedamento* (Tiriba, 2018), fortalecemos o corpo e a capacidade de perseverarmos no ser (*Conatus*) dentre tantas outras importantes vivências. Seguimos acompanhando os passos das crianças, acreditando na Educação como *direito e alegria* (Tiriba, 2018) e na luta contra toda forma de emparedamento que diminui nossa potência de agir.

Palavras-chave: Crianças. Desemparedamento. Vivências. Natureza. Brincadeiras ao ar livre.

Referências

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora Olho d'água, 1995.

LOPES, Jader Janer. **Terreno Baldio: um livro sobre balbuciar e criar os espaços para desacostumar geografias**. São Carlos- SP: Pedro e João Editores, 2021.

PROFICE, Christiana. **Crianças e natureza: Reconectar é preciso**. São Paulo: PandorgA, 2016.

SANTOS, Zemilda, C. W. N. **Criança e a experiência afetiva com a natureza**. Curitiba: Appris, 2018.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. [Tradução de Tomaz Tadeu] – 2.ed- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2018.

TIRIBA, Lea. PROFICE, Christiana. **Crianças da natureza: vivências, saberes e pertencimento**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 44, n.2, 2019.